

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

TEMPORADA 2009

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES

PHILIPPE HERREWEGHE

REGENTE





Alguns pensam
música clássica.

**Nós pensamos
comprometimento.**

©2008 CREDIT SUISSE GROUP and/or its affiliates. All rights reserved.

Private Banking • Investment Banking • Asset Management

Observamos o mundo por uma perspectiva diferente — sempre em benefício de nossos clientes. Ter nossa experiência e especialização como alicerces para proporcionar excelência é um enfoque que compartilhamos com a Sociedade Cultura Artística. Ao desafiar os raciocínios convencionais, ajudamos nossos clientes a perceber novas oportunidades. Esta é a nossa ambição desde 1856.
www.credit-suisse.com

Pensando Novas Perspectivas.

CREDIT SUISSE 

SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES

PHILIPPE HERREWEGHE
REGENTE

ROBERT GETCHELL
TENOR

PIERRE-YVES PRUVOT
BARÍTONO

MARCIAL DI FONZO BO
ATOR

CORO SÃO PAULO
GEOFFROY JOURDAIN
DIREÇÃO

NAOMI MUNAKATA
REGÊNCIA

PATROCÍNIO


SAINT-GOBAIN



PATROCÍNIO DA TEMPORADA 2009

LEI DE
INCENTIVO
À CULTURA

MINISTÉRIO
DA CULTURA


CPFL
ENERGIA

CREDIT SUISSE 

ESTADÃO
O JORNAL DE QUEM PENSAR

Telefonica

Admirada no mundo todo, a Orchestre des Champs-Élysées foi fundada em 1991 por iniciativa conjunta de Alain Durel, diretor do *Théâtre des Champs-Élysées*, e de Philippe Herreweghe, desde então diretor musical e regente da orquestra. Ao longo de uma trajetória de quase duas décadas, o conjunto especializou-se sobretudo na interpretação da música que se estende de meados do século XVIII ao início do século XX, emprestando sonoridade e concepção musical únicas a um amplo repertório que vai de Haydn a Mahler.

Há muitos anos orquestra em residência do *Théâtre des Champs-Élysées*, em Paris, e do *Palais des Beaux-Arts*, de Bruxelas, a Orchestre des Champs-Élysées tem se apresentado nos grandes palcos do mundo todo, da *Musikverein* vienense ao *Lincoln Center* nova-iorquino, do *Concertgebouw* em Amsterdã à *Gewandhaus* de Leipzig, com passagens sempre muito concorridas e elogiadas pelo *Barbican Centre* de Londres, pelas salas das filarmônicas de Berlim, Munique e Colônia, pela *Tonhalle* de Zurique e pela *Alte Oper* de Frankfurt. Fora do circuito europeu, a orquestra levou sua extraordinária qualidade musical também às salas de concerto do Japão, da Coreia, da China e da Austrália.

Sempre sob a direção a um só tempo segura e inventiva de Philippe Herreweghe, esse renomado *ensemble*, que se caracteriza também pela execução de seu repertório em instrumentos de época, tem atuado ainda sob a batuta de regentes convidados da mais alta envergadura. Daniel Harding, Christian Zacharias, Louis Langrée, Christophe Coin e René Jacobs são alguns deles.

A despeito de uma agenda anual repleta de concertos, a Orchestre des Champs-Élysées vem produzindo também extensa obra fonográfica. Desde a sua fundação em 1991, a orquestra acumula significativa discografia, que inclui premiadas interpretações de Mozart, Mendelssohn, Beethoven, Brahms, Schumann e Bruckner, dentre outras atuações em estúdio aclamadas pela crítica musical.

Para as apresentações da presente turnê sul-americana, Philippe Herreweghe e a Orchestre des Champs-Élysées contam ainda com a colaboração de dois jovens encenadores franceses, Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil, diretores artísticos da Ópera Francesa de Nova York. O resultado dessa surpreendente cooperação é um espetáculo cênico que, além da música, congrega ainda o teatro, a dança e o vídeo. Não é, pois, sem boa dose de ousadia que a Orchestre des Champs-Élysées oferece ao público paulista a oportunidade de desfrutar da rara apresentação em sequência da *Sinfonia Fantástica* e de seu complemento, o monodrama lírico *Lélio, ou O Retorno à Vida*. Hector Berlioz deu à reunião dessas duas peças em uma única e mesma obra o título de *Episódio da Vida de um Artista*. Era seu desejo que, como hoje acontece, elas fossem executadas consecutivamente.



ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES





PHILIPPE HERREWEGHE — REGENTE

Para o *New York Times*, ele “consegue unir o peso do velho à refinada linguagem do novo”. Para o *San Francisco Chronicle*, “é um dos gigantes da música de nossa época”. Para o *Sunday Times* londrino, “segue dando sua contribuição discreta, eficaz e profundamente musical à interpretação dos clássicos”.

Os elogios são para Philippe Herreweghe. Nascido em Gent, na Bélgica, Herreweghe estudou piano no conservatório de sua cidade natal, antes de se dedicar também ao estudo da medicina e da psiquiatria. Foi na universidade que, depois de fundar o Collegium Vocale Gent, Herreweghe chamou a atenção de Nikolaus Harnoncourt e Gustav Leonhardt, que, impressionados com a qualidade do conjunto vocal por ele fundado, convidaram-no a participar da gravação que faziam à época das cantatas de Bach.

Daí em diante, o interesse de Herreweghe por um amplo repertório, que vai do Renascimento à música erudita contemporânea, levou-o a fundar diversos *ensembles* de composição variada, com os quais gravou mais de cinquenta discos. Além do Collegium Vocale Gent, que há trinta anos dedica-se à música de Bach e de seus precursores, criou ainda La Chapelle Royale, voltada para a música barroca francesa, e o Ensemble Vocal Européen, especializado na interpretação da música polifônica renascentista.

Em 1991, fundaria por fim a renomada Orchestre des Champs-Élysées, da qual é desde então diretor musical e regente. Como convidado, porém, Philippe Herreweghe costuma reger também outras orquestras de grande destaque no cenário musical internacional, como, para citar apenas alguns exemplos, a Orquestra do *Concertgebouw* de Amsterdã, a Orquestra da *Gewandhaus* de Leipzig, a Orquestra Filarmônica de Roterdã e a Orquestra Filarmônica Real de Flandres, da qual é diretor musical desde 1997. Atuou, ainda, à frente das filarmônicas de Berlim e Viena e, de 1982 a 2002, foi diretor artístico do prestigiado Festival de Saintes, no sudoeste da França.

Philippe Herreweghe recebeu diversas distinções ao longo da carreira. Dentre elas, foi agraciado com as comendas francesas de *Officier des Arts et des Lettres*, em 1994, e de *Chevalier de la Légion d'Honneur*, em 2003. É também doutor *honoris causa* da Universidade de Louvain.

JEAN-PHILIPPE CLARAC E OLIVIER DELOEUIL — DIREÇÃO TEATRAL, CENOGRAFIA E VÍDEOS

Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil respondem pela direção artística da Ópera Francesa de Nova York desde 2005. Nela, já dirigiram *Marie Galante*, de Kurt Weill, *Castor et Pollux*, de Rameau, e *Pelléas et Mélisande*, de Debussy. Caracteriza o trabalho dessa jovem dupla de encenadores a realização de projetos multimídia que buscam mesclar a ópera, o cinema e a coreografia. Clarac e Deloeuil mantêm ainda atuação independente como encenadores, o que os levou recentemente a dirigir a montagem do *Fausto* de Gounod na Ópera Nacional de Bordeaux.

MARCIAL DI FONZO BO — ATOR

Estrela em ascensão no cenário teatral francês, Marcial di Fonzo Bo nasceu em Buenos Aires, em 1968. Na França desde 1987, ingressou na Escola Nacional de Teatro da Bretanha em 1991. Quatro anos depois, sua interpretação do *Ricardo III* de Shakespeare no Festival de Avignon rendeu-lhe vários prêmios, dentre eles o do Sindicato Nacional da Crítica Teatral francesa. Além de numerosas atuações no teatro e no cinema, participou também das montagens de *O Rei Davi*, de Arthur Honegger, e do *Egmont*, de Beethoven, e dirigiu a apresentação de *La Grotta di Trofonio*, de Salieri, na Ópera de Lausanne.

ROBERT GETCHELL — TENOR

Depois de um período de estudos no Centro de Música Barroca de Versalhes, Robert Getchell deu continuidade a sua formação no Conservatório de Amsterdã, onde estudou sob a orientação de Margreet Honig, especializando-se em interpretação de época com Howard Crook. Como solista, atua hoje com frequência ao lado de *ensembles* como Les Talents Lyriques e o Concerto Köln, dentre outros. Nos palcos, interpretou partituras de Lully, Purcell e o papel-título em *Scylla et Glaucus*, de Jean-Marie Leclair. Em numerosa obra fonográfica, já registrou interpretações de Mozart, Schubert, Mendelssohn e Poulenc.

PIERRE-YVES PRUVOT — BARÍTONO

Pierre-Yves Pruvot aperfeiçoou-se no canto lírico sob a orientação de mestres como Pascale Reynaud, Margreet Honig, Ruben Lifschitz e Dalton Baldwin. Formado no Conservatório Nacional Superior de Música de Lyon, é detentor de vários prêmios internacionais. Dentre os grandes papéis da literatura operística nos quais já atuou, destacam-se aqueles criados por Verdi (*Nabuco* e *Germont*), Puccini (*Scarpia*), Mozart (*Leporello* e *Don Alfonso*) e Rossini (*Figaro*). Sua vasta discografia inclui, dentre outras, a gravação do *Falstaff*, de Salieri, do *Don Procopio*, de Bizet, e de árias de Beethoven.

NAOMI MUNAKATA — REGENTE DO CORO SÃO PAULO

Naomi Munakata lapidou sua vocação para a regência com maestros como Eleazar de Carvalho, Hugh Ross e John Neschling. Após especialização na Universidade de Tóquio, estudou ainda com regentes como Hans-Joachim Koellreutter, John Poole (Inglaterra), Cees Rotteveel (Holanda) e Eric Ericson (Suécia). Empenho e talento renderam-lhe, em 1998, o prêmio de Melhor Regente Coral da Associação Paulista de Críticos de Arte. Hoje, é professora da Faculdade de Artes Alcântara Machado e da Escola Municipal de Música, além de maestrina do grupo Vocal Farrambamba e regente do Coro São Paulo.



PHILIPPE GRUNHEC

GLÓRIA FLÜGEL



Investindo na *música* para
harmonizar *relações*.



SUZANO

85 anos de contribuição
para a cultura brasileira.

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES

PHILIPPE HERREWEGHE — DIRETOR MUSICAL E REGENTE

Primeiros violinos

Alessandro Moccia *Spalla*
Roberto Anedda
Assim Delibegovic
Virginie Descharmes
Philippe Jegoux
Marion Larigaudrie
Corrado Lepore
Baptiste Lopez
Martin Reimann
Nicole Tamestit
Enrico Tedde
Marie Viaud

Segundos violinos

Bénédictte Trotureau
Marieke Bouche
Adrian Chamorro
Isabelle Claudet
Federica della Janna
Jean-Marc Haddad
Pascal Hotellier
Clara Lecarme
Corrado Masoni
Giorgio Oppo
Andreas Preuss
Sebastiaan van Vucht

Violas

Jean-Philippe Vasseur
Marie-Elsa Beaudon
Maillyss Cain
Brigitte Clement
Delphine Grimbart
Lika Laloum
Joël Oechslin
Lucia Peralta
Catherine Puig
Silvia Simionescu
Benoît Weeger

Violoncelos

Ageet Zweistra
Michel Boulanger
Arnold Bretagne
Vincent Malgrange
Hilary Metzger
Andrea Pettinau
Gesine Queyras
Harm-Jan Schwitters
Hager Spaeter-Hanana

Contrabaixos

Joseph Carver
Elise Christiaens
Damien Guffroy
Michel Maldonado
David Sinclair
Christine Sticher
Massimo Tore

Flautas

Mathias von Brenndorff
Amélie Michel

Oboés

Marcel Ponselee
Taka Kitazato

Clarinetes

Nicola Boud
Daniele Latini

Fagotes

Julien Debordes
Jean-Louis Fiat
Philippe Miqueu
Robert Percival

Trompas

Rafaël Vosseler
Christiane Vosseler
Jean-Emmanuel Prou
Frank Clarysse

Trompetes

Steven Verhaert
Andreas Bengtsson

Cornets

Alain de Rudder
Leif Bengtsson

Trombones

Dennis Close
Wim Becu
Charles Toet

Oficleides

Marc Girardot
Stephen Wick

Tímpanos

Marie-Ange Petit
Hervé Tritel

Percussão

François Garnier
Antoine Sigure
David Joignaux

Harpas

Pascale Schmitt
Aurélie Saraf

Piano

Gwenaëlle Cochevelou

Direção teatral

Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil

Vídeo

François-Xavier Vives
(baseado em idéia de Jean-Philippe Clarac e Olivier Deloeuil)

Iluminação

Rick Martin

Assistente de direção

Anne-Louis Brosseau

Tenor

Robert Getchell

Barítono

Pierre-Yves Pruvot

Ator

Marcial di Fonzo Bo

Bailarinas/Atrizes

Marie-Julie Debeaulieu
Lodie Kardouss
Blanche Konrad
Chloé Merigot
Aline Pourbaix
Gabrielle Weisbuch

Maquiagem

Annie Senrens-Bardon

Coro São Paulo sob a direção de Geoffroy Jourdain e a regência de Naomi Munakata

França.Br2009 — Ano da França no Brasil (21/4 a 15/11) é organizado: **No Brasil**: pelo Comissariado geral brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores. **Na França**: pelo Comissariado geral francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance.

PATROCÍNIO

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é associar o nome de sua empresa a uma programação sempre em relevo no calendário artístico anual de São Paulo.

Patrocinar a Temporada Internacional Cultura Artística é estar ao lado de uma entidade de grande importância na história da cultura brasileira — uma organização que há quase cem anos desfruta de ampla visibilidade pública e de grande respeito nos meios de comunicação do país.

Desde 1912, a Sociedade de Cultura Artística tem se destacado pela excelência de sua programação musical e artística, pelo profissionalismo de suas realizações, pelo carinho que lhe dispensa o público e pelo prestígio de que desfruta na imprensa dedicada às artes e à cultura.

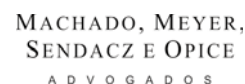
PATROCINADORES PLATINA



PATROCINADORES OURO



PATROCINADORES PRATA



PATROCINADORES BRONZE



MANTENEDORES E AMIGOS DA SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA – 2009

A contribuição financeira dos **Amigos e Mantenedores** da Sociedade de Cultura Artística em 2009 será inteiramente destinada à promoção do projeto sociocultural **Ouvir para Crescer**. Acreditamos firmemente na necessidade da educação e da formação de público para a música de qualidade, e esse é o objetivo do **Ouvir para Crescer**. Assim, o projeto leva espetáculos-aula, que entretêm ao mesmo tempo em que educam, a comunidades em que a oferta cultural é escassa.

A Lei Rouanet possibilita isenção fiscal de até 100% do valor que os **Amigos e Mantenedores** oferecem ao projeto **Ouvir para Crescer**. Pessoas físicas podem deduzir até 6% de seu imposto de renda a pagar, e pessoas jurídicas, até 4%. Trata-se, pois, de um investimento seguro e a custo zero, mas com grande impacto não apenas sobre nossas atividades, como também sobre a cultura brasileira como um todo.

MANTENEDORES

Adolpho Leimer
Adriana Crespi
Adroaldo Moura da Silva
Advocacia Moshe Sendacz
Affonso Celso Pastore
Airton Bobrow
Alexandre e Sílvia Fix
Alfredo Rizkallah
Álvaro Luiz Fleury Malheiros
Ameribras Ind. e Comércio Ltda.
Antonio Carlos Barbosa de Oliveira
Antonio Carlos de Araújo Cintra
Antonio Correa Meyer
Antonio Hermann D. M. Azevedo
Antonio José Louçã Pargana
Antonio Teófilo de Andrade Orth
Arsenio Negro Júnior
Bruno Alois Nowak
BVDA/Brasil Verde Design
Carlos Nehring Neto
Carlos P. Rauscher
Carmo e Jovelino Mineiro
Cassio Casseb Lima
Centaurus Equipamentos de Cinema e Teatro
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Dario Chebel Labaki Neto
Eduardo Altenfelder
Elisa Villares L. Cesar
Elisa Wolyneç
EPU-Edit. Pedagógica e Universitária
Erwin Herbert Kaufmann
Estrela do Mar Part. Adm. De Bens Ltda.
Etsuko Nishikawa (I.M.)
Fabio de Campos Lilla
Fanny Fix
Felipe e Hilda Wroblewski
Fernando Carramaschi
Fernando Eckhardt Luzio
Fernão Carlos B. Bracher
Flávia Prada Ferreira
Francisca de Paula Harley
Giancarlo Gasperini
Gioconda Bordon
Giorgio Nicoli
Giovanni Guido Cerri
Helio Matar
Helio Seibel
Henrique Meirelles
Israel Vainboim
Jacks Rabinovich
Jacques Caradec
Jairo Cupertino
Jayme Blay
Jayme Bobrow
Jayme Sverner
Joaquim de Alcantara Machado
José Carlos Moraes de Abreu
José E. Mindlin
José E. Queiroz Guimarães
José M. Martinez Zaragoza
José Roberto Mendonça de Barros
José Roberto Opice
Lea Regina Caffaro Terra
Livio De Vivo
Lucila e José Carlos Evangelista
Luis Stuhlberger
Luiz Diederichsen Villares

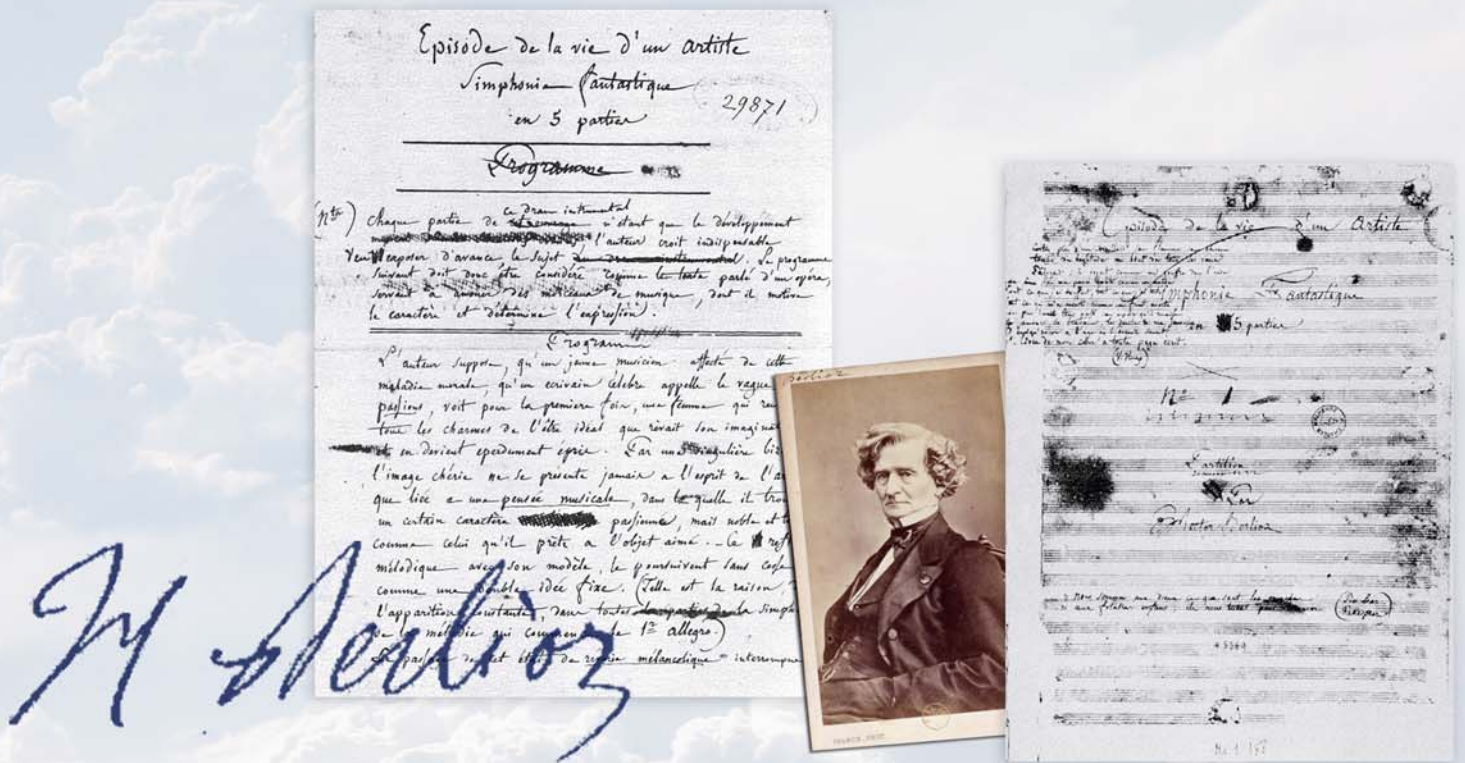
Luiz Gonzaga Alves Pereira
Luiz Gonzaga Marinho Brandão
Marcio Augusto Ceva
Maria Helena L. Gandolfo
Maria Izabel Piza da Silva Gordo
Mario Arthur Adler
Medlab Produtos Médicos
Michael e Alina Perlman
Minidi Pedroso
Morvan Figueiredo de Paula e Silva
Moshe Sendacz
Natan e Irene Berger
Neli Aparecida de Faria
Nelio Garcia de Barros
Nelson Reis
Pedro Stern
Polimold Industrial S/A
Renata e Sergio Simon
Ricard Takeshi Akagawa
Ricardo Feltre
Ricardo L. Becker
Roberto Civita
Roberto e Yara Baumgart
Roberto Mehler
Ruth e Raul Hacker
Ruy e Célia Korbivcher
Samy Katz
Sandor e Mariane Szego
Sergio Almeida de Oliveira
Sylvia Dias de Alcantara Machado
Sylvia e Flávio Pinho de Almeida
Theodoro Flank
Thomas Michael Lanz
Thyrso Martins
Ursula Baumgart
Vavy Pacheco Borges
4 Mantenedores Anônimos

Para mais informações,
ligue para (11) 3256 0223
ou escreva para
administracao@culturaartistica.com.br

AMIGOS

Alberto Emanuel Whitaker
Alexandre Annenberg
Alexandre Grain de Carvalho
Aluizio Guimarães Cupertino
Alvaro Oscar Campana
Ana Maria L. V. Igel
Ana Maria Malik
Andrea Sandro Calabi
Anna Veronica Mautner
Antonio Carlos Pereira
Antonio Roque Citadini
Argetax Adm. e Part. em Empreendimentos
Bruno Musatti
Calçados Casa Eurico
Carlo Zufellato
Carlos Fanucchi Oliveira
Carlos Mendes Pinheiro Jr.
Carlos Souza Barros de Carvalhosa
Carlos Stegmann
Carmen Carvalhal Gonçalves
Cassio A. Macedo da Silva
Claudia A. G. Musto
Claudio Alberto Cury
Claudio Nehton Mattos de Lemos
Cláudio Roberto Cernea
Clínica Neurológica Martins Castro
Conceição Aparecida de Matos Segre
Edith Ranzini
Edmond Andrei
Edson Eidi Kumagai
Eduardo M. Zobarán
Eduardo T. Hidal
Elias e Elizabete Rocha Barros
Elio Sacco
Eugenia Lukin
Fabio Carramaschi
Fabio Konder Comparato
Fabio Nusdeo
Fernando K. Lottenberg
Fernando R. A. Abrantes
Fernando Teixeira Mendes
Francisco H. de Abreu Maffei
Francisco José de Oliveira Junior
Gerald Dinu Reiss
Guilherme A. Plonski
Gustavo H. Machado de Carvalho
Heinz J. Gruber
Helio Elkis
Henrique B. Larroudé
Henrique Eduardo Tichauer
Herbert Gruber
Horacio Mario Kleinman
Ignez A. F. Silva
Iosif Sancovsky
Isaac Popoutchi
Issei Abe
Itiro Shirakawa
Izabel Sobral
Jaime Pinsky
Jayme Vargas
Jeanette Azar
Jerzy Mateusz Kornbluh
João Baptista Raimo Jr.
Jorge e Léa Diamant
Jorge e Liana Kalil
José Avelino Grota de Souza
José Carlos Teixeira

José e Priscila Goldenberg
José Luiz Setubal
José Paulo de Castro Ensenhuber
José Theophilo Ramos Junior
Kalil Cury Filho
Katalin Borger
Léo Ernest Dreyfuss
Leo Kupfer
Lilía Salomão
Lina Saigh Maluf
Lucio Gomes Machado
Luiz Roberto Andrade de Novaes
Luiz Schwarcz
Marcello D. Bronstein
Marcos Flávio Correa Azzi
Margot Cecilia Nugent
Maria Aparecida A. Clemente
Maria Bonomi
Maria Claudia Ballesteros
Maria Stella Moraes R. do Valle
Maria Teresa Igel
Mario e Dorothy Eberhardt
Mario Higino N. M. Leonel
Mario R. Rizkallah
Marta D. Grostein
Maurício Leonzini
Mauris Warchavchik
Miguy Azevedo Mattos Pimenta
Monica Mehler
Morris Safdie
Nelson Vieira Barreira
Oscar Lafer
Patrick Charles Morin Jr.
Paul Emmenegger
Paulo Cezar C. B. C. Aragão
Paulo Guilherme Leser
Paulo Humberto L. de Almeida
Percival Lafer
Plínio J. Marafon
Rafael Jordão Motta Vecchiatti
Regina Weinberg
Renato Mezan
Renato Polizzi
Ricardo B. Gonçalves
Roberto Bumagny
Roberto Calvo
Rubens Halaban
Rubens Muszkat
Rui Fontana Lopez
Ruy Souza e Silva
Samuel Lafer
Sandra Maria Massi
Sergio Leal C. Guerreiro
Sonia Regina Cottas de Jesus Freitas
Tales U. Bieszczad
Tamas Makray
Tarcisio V. Ramos
Thomas Frank Tichauer
Thomaz Farkas
Ulysses de Paula Eduardo Jr.
Vera C. Bresser Pereira
Vera Cartunda Serra
Vitor Maiorino Netto
Walter Ceneviva
Wilma Kövesi (In Memoriam)
Zofia Davidowicz
16 Amigos Anônimos



Esse românticos...

Abrimos a temporada de 2009 com um espetáculo grandioso e intenso, uma *performance* autenticamente romântica. É fácil gostar dos românticos, mas é fácil também enjoar deles, dizem. Uma questão de gosto. E gosto se discute, sim, e se discute muito durante os intervalos dos concertos. Vítima de muitos preconceitos, a música romântica pode ser entendida como um modelo de exuberância sentimental. Mas classificações e definições procuram sempre simplificar e facilitar as coisas, razão pela qual deixam complexidades e paradoxos mais ou menos em silêncio, como campos a serem explorados ao longo de toda a vida. Esse é um dos grandes prazeres que a arte nos proporciona: uma busca que nunca se esgota. O compositor Hector Berlioz sempre pretendeu que as duas peças que vamos ouvir hoje, *Sinfonia Fantástica* e *Lélio*, fossem apresentadas juntas, o que raramente acontece nas salas de concerto. Também isso contribuiu para fazer dessa estreia uma noite memorável. A música de Berlioz, mais a criação cenográfica, as imagens, a presença de um grande ator e de bailarinas, e ainda as vozes do Coro São Paulo — tudo isso somado fará desse concerto de estreia um espetáculo riquíssimo, cheio de complexidades e de detalhes que pedem um espectador atento, inteiro. Preparado para gostar e para aproveitar as intensidades românticas, quem sabe pela vida afora.

Um ótimo concerto a todos vocês!

SÉRIE BRANCA

Sala São Paulo

27 de abril, segunda-feira, 21H

SÉRIE AZUL

Sala São Paulo

28 de abril, terça-feira, 21H

Hector Berlioz (1803-1869)

Episode de la Vie d'un Artiste

Symphonie Fantastique, opus 14

c. 56'

Rêveries, passions. Largo — Allegro agitato e appassionato assai

Un bal. Valse. Allegro non troppo

Scène aux champs. Adagio

Marche au supplice. Allegretto non troppo

Songe d'une nuit du Sabbat. Larghetto — Allegro. Dies irae. Ronde du Sabbat. Dies irae et Ronde du Sabbat ensemble.

intervalo

Lélio, ou Le Retour à la Vie, opus 14b

c. 55'

Monodrame lyrique

"Dieu! Je vis encore..." (Lélio)

I. Le pêcheur

"Étrange persistance d'un souvenir!" (Lélio)

II. Choeur d'ombres

"O Shakespeare! Shakesperare!" (Lélio)

III. Chanson de brigands

"Comme mon esprit flotte incertain!" (Lélio)

IV. Chant de bonheur

"Oh! Que ne puis-je la trouver" (Lélio)

V. La harpe éolienne — Souvenirs

"Mais pourquoi m'abandonner à ces dangereuses illusions?" (Lélio)

VI. Fantaisie sur "La Tempête" de Shakespeare

"Assez pour aujourd'hui!" (Lélio)

PRÓXIMOS CONCERTOS

Sala São Paulo

ORCHESTRE DE LA SUISSE ROMANDE
MAREK JANOWSKI REGÊNCIA
JEAN-YVES THIBAUDET PIANO

Série Branca, 4 de maio, segunda-feira

Michael Jarrell ...Le ciel, tout à l'heure si limpide,
soudain se trouble horriblement...

Ravel Concerto em Sol,
Valses Nobles et Sentimentales e La Valse

Série Azul, 5 de maio, terça-feira

Liszt Concerto para Piano nº 2

Bruckner Sinfonia nº 6

Sala São Paulo

CONCERTO KÖLN
VIVICA GENAUX MEZZOSOPRANO

Série Branca, 26 de maio, terça-feira

Série Azul, 27 de maio, quarta-feira

Haendel Suíte nº 1 de Música Aquática,
Sinfonia HWV.347, Concerto Grosso HWV.313
e Árias de Orlando, Giulio Cesare e Alcina

Vivaldi Concerto para Oboé e Cordas, RV.450

Johann Adolf Hasse Árias de Ezio e Solimano

O conteúdo editorial dos programas da
Temporada 2009 encontra-se disponível em
nosso site www.culturaartistica.com.br
uma semana antes dos respectivos concertos.

Programação sujeita a alterações.





A RECONSTRUÇÃO DO TEATRO CULTURA ARTÍSTICA

O Teatro Cultura Artística, destruído por um incêndio em agosto de 2008, será reconstruído com base em um projeto arquitetônico capaz de atender às necessidades técnicas e artísticas de um espaço teatral contemporâneo, mas em concordância com os princípios e valores que sempre regeram sua história.

LOCALIZAÇÃO O novo teatro será construído no mesmo local da sala antiga e manterá em seu projeto o magnífico painel de Emiliano Di Cavalcanti, marco de nosso antigo teatro. Esse grande empreendimento com certeza irá gerar impacto muito positivo sobre o centro da cidade de São Paulo, contribuindo para a revitalização da Rua Nestor Pestana e da Praça Roosevelt.

FOYER Com a elevação da platéia, o novo projeto arquitetônico prevê a liberação de quase todo o pavimento térreo do teatro, permitindo a ampla circulação de espectadores. Nesse mesmo espaço, serão instalados um grande bar, chapelaria e loja, além de elevadores e escadas rolantes de grande capacidade.

AUDITÓRIO Ao contrário do antigo teatro, que abrigava duas salas, o novo espaço contará com uma única sala. Ela terá, no entanto, capacidade para acomodar mais de 1.400 espectadores, divididos em plateia, balcões e camarotes.

PALCO A nova arquitetura adota o formato do palco italiano, com fosso para orquestra e toda a tecnologia necessária a um teatro de múltiplos usos. Além de concertos e espetáculos de dança, teatro e ópera, esse palco possibilitará ainda a apresentação de shows musicais.

A reconstrução do Teatro Cultura Artística é um projeto que conta com o apoio da Lei Rouanet e se enquadra no artigo 26 do Pronac, o Programa Nacional de Apoio à Cultura. Isso significa que seus doadores e patrocinadores gozarão de incentivos fiscais que podem chegar a 80% da contribuição efetuada.



APOIADORES DA RECONSTRUÇÃO

Nesta página, listaremos todas as pessoas e organizações que têm contribuído concretamente para a reconstrução do nosso teatro, da nossa nova casa. A lista começará pequena, mas esperamos que a solidariedade e o espírito cívico dos membros de nossa comunidade a façam crescer muito rapidamente.

A vocês, o nosso muito obrigado!

Ana Maria Xavier

Antônio Fagundes

Beatriz Segall

Brasília de Arruda Botelho

Camila Zanchetta

Claudio Lottenberg

Compacta Engenharia

Credit Suisse

Elaine Angel

Ercília Lobo

Gabriela Duarte

Gilberto Kassab

Gilberto Tinetti

Hedging-Griffo

Hotel Ca'd'Oro

Hotel Maksoud Plaza

Jamil Maluf

José Carlos Dias

Lúcia Cauduro

Marcelo Mansfield

Marco Nanini

Maria Adelaide Amaral

McKinsey

Mônica Salmaso

Oscar Lafer

Paulo Bruna

Roberto Baumgart

Roberto Minczuk

Silvia Ferreira Santos Wolff

Silvio Feitosa

Talent

Zuza Homem de Mello

Hector Berlioz (1803-1869)

Sinfonia Fantástica

Durante as primeiras décadas do século XIX, na França posterior à Revolução, o Romantismo eclodiu, de maneira violenta e libertária, graças sobretudo a Hugo (teatro), Chateaubriand (prosa), Musset (poesia), Delacroix (pintura) e Berlioz (música).

Pois foi em um concerto realizado em Paris, em 5 de dezembro de 1830, que Hector Berlioz revelou ao mundo a nova, colorida e fragorosa orquestra romântica. Ela vinha encarnada em uma obra fora da norma, ainda que batizada com um título clássico: *Symphonie*, a qual, para o autor, era “um drama instrumental”.

Essa partitura era inovadora sob vários aspectos. Antes de tudo, possuía cinco movimentos, em vez dos quatro habituais, lembrando assim a Pastoral de Beethoven, que o compositor francês adorava. Em vez do esperado *Scherzo*, comportava uma Valsa de viés popular, na qual as harpas sustentavam papéis de solistas. Seus dois derradeiros movimentos, além de sonoridades espetaculares, haviam sido escritos com o ouvido mais voltado para as bandas de música ao ar livre e das paradas militares do que propriamente para a música destinada ao concerto. E mais: em vez de tentar se impor como “discurso público”, ao qual pertencia o gênero sinfônico desde os tempos de Haydn e Mozart, a nova obra se exibia como espécime pertencente à “estética do Eu”, tão própria do ideário romântico do exibicionismo puro e simples. Não há como negar: a obra possuía, como herói central, o próprio compositor e, ainda, tratava dos amores e alucinações desse artista que vivia entre o sonho e a realidade, entre a lucidez cotidiana e a loucura momentânea provocada pelo uso de drogas.

A *Fantástica* ainda propunha uma “mudança de tom expressivo” até então desconhecido em uma sinfonia: seus três primeiros movimentos, ainda que pouco ortodoxos, alimentavam-se de uma gesticulação lírico-dramática aparentada; já os dois últimos configuravam cenas grotescas, alucinadas, como que compostas por um músico que houvesse se entregado a alucinógenos. Isso, diga-se de passagem, estava no programa de Berlioz, que, nesses dois últimos segmentos da *Sinfonia*, desejou flagrar o herói em meio a visões aterradoras criadas pelo consumo exagerado de ópio.

Aumentando o efetivo orquestral, dando especial atenção aos instrumentos de sopro e, igualmente, à farta percussão, Berlioz criou um aparato sonoro de opulência até então desconhecida. No outro extremo, dividiu internamente as várias estantes dos arcos, conseguindo rendilhados sonoros de infinita sutileza, de inacreditável finura. Colocando em xeque os conceitos clássicos de “vulgar” e de “sublime”, o autor propôs um novo tipo de dinâmica ao discurso, baseada nos grandes

contrastes de expressão, que acabam por lembrar, metaforicamente, o mundo psicológico das almas hipersensíveis (“neuróticas”, dir-se-ia hoje). E ao colocar em jogo o conceito de “ideia fixa”, tema carregado de simbolismo que percorre os vários movimentos de uma obra, endereçou ao futuro uma maneira inédita de pensar a organização de amplos discursos musicais distribuídos em vários movimentos encaixados, internamente, por temas-chave. Esse músico cheio de coragem e profundamente inventivo, na época, ainda era aluno do Conservatório de Paris e tinha apenas 27 anos.

Aqui estão os movimentos da *Symphonie Fantastique*, brevemente comentados:

Primeiro movimento Em meio a “devaneios e paixões”, o autor ouve, logo no início da música, o tema fantasista que representa o seu amor: “Ela”. E ela era a atriz irlandesa Harriet Smithson, que o músico vira no teatro Odéon representando Ofélia de Shakespeare. Desnecessário dizer que ele caiu loucamente apaixonado por ela, depois de vê-la no palco. Berlioz articula esse movimento lembrando-se da forma-sonata, colocando em confronto várias ideias contrastantes, o que não deixava de retratar o seu torturado mundo interno. É que, aí, muito perturbado, o jovem músico via, pela primeira vez, a mulher que reunia “todos os encantos do ser ideal com o qual sua imaginação sonhava”, confessaria ele.

Segundo movimento Ao som de uma Valsa, “em meio ao tumulto de uma festa”, em um faustoso salão onde se dança sem parar, ele vê sua musa, com a aparência “um tanto fantasmagórica”, sendo levada pelo ritmo incessante. As cascatas das harpas aliadas aos arpejos de um piano integrado à orquestra concorrem para dar a esse trecho um aspecto de sonho irisante.

Terceiro movimento Este movimento se passa em uma noite de verão, no campo, e é aberto por um atmosférico diálogo rústico entre um corne-inglês e um oboé, como se tratasse de uma conversa instrumental de rústicos pastores. As cordas mostram, então, uma longa melodia que parece simbolizar os sonhos de ternura e de esperança do jovem músico. A “ideia fixa” faz uma nova aparição, perturbando a doçura desse quadro, fazendo com que as vagas de felicidade sejam obscurecidas por negros pressentimentos. No final, os instrumentos dos pastores são interrompidos pelo trovejar longínquo de uma tempestade que está para chegar.



Um produto de Companhia de Seguros Aliança do Brasil comercializado pela BB Corretora de Seguros e Administradora de Bens S.A. O registro deste plano na SUSEP não implica, por parte da Autoridade, incentivo ou recomendação a sua comercialização.

Se a responsabilidade é grande, a alegria é três vezes maior.

O imprevisto tem dois lados. Fique com o melhor, fique com o Seguro Ouro Vida.

Com o **Seguro Ouro Vida**, você aproveita a vida sem preocupação e ainda conta com 39 serviços de assistência. Faça já o seu em qualquer agência do Banco do Brasil ou pelo bb.com.br.

Banco do Brasil.

Faz diferença ter um banco todo seu.

BANCO DO GABRIEL

Quarto movimento Sob os efeitos do ópio, o Herói se vê levado ao cadafalso, onde encontrará seu fim. Depois de uma soturna Introdução, violinos e contrabaixos, sem acompanhamento, apresentam o primeiro tema, logo enfeitado por um contracanto do fagote e retomado pelos violinos. Em seguida, surge um segundo motivo, em um *tutti* brilhante de madeiras e metais. Segue-se um Desenvolvimento que emprega esse material básico, recapitulado brevemente para nos levar à Coda. Esta tem início com uma figura sincopada das cordas, enriquecida por interjeições dos sopros. Em meio ao apoteótico final, um solitário clarinete ensaia trazer à tona a “ideia fixa” relacionada à Amada. Mas um acorde em *fortissimo* de toda a orquestra “degola” a melodia, remetendo-nos diretamente à conclusão do movimento. Há muito do “horrível morbidamente estetizado” nessa marcha ao suplício. Até ela, a música jamais havia se aproximado tanto dessa simbolização das coisas medonhas.

Quinto movimento Vários temas de caráter interrogativo são expostos no início lento dessa seção, antes que a “ideia fixa” volte a aparecer. Desta vez, no *Allegro*, ela parece loucamente saltitante, travestida em uma paródia realizada pelo clarinete agudo em um ritmo requebrado, endemoniado de 6/8. Depois, como que soando ao longe, sinos tétricos servem de apoio ao tema do *Dies irae* (Dia de Ira), pertencente à católica Missa de Mortos da Idade Média. Esse motivo litúrgico de recorte aterrador aparece primeiro nos metais graves e, depois, toma conta de outros naipes da orquestra. Um ritmo de dança é trazido à tona por violoncelos e contrabaixos, contaminando então as cordas agudas: é o motivo intitulado Ronda do Sabá. Tem-se, então, uma grotesca combinação dos dois motivos — um sacro, outro profano — que, à época, deve ter soado como um verdadeiro anátema para as almas ligadas às religiões estabelecidas. E que, do ponto de vista simplesmente estético, deve ter levado a crítica musical de então a arrancar os cabelos, de horror.

Hector Berlioz Lélio, ou O Retorno à Vida

Por ocasião da estreia da obra, ocorrida em 1832, o próprio compositor desejou deixar claro a respeito de *Lélio, ou O Retorno à Vida*: “Esta obra deve ser ouvida imediatamente depois da *Sinfonia Fantástica*, da qual é o final e o complemento”. A nova partitura tratava de mostrar ao público o retorno à vida real do artista, que se libertava das amargas

lembranças, as quais haviam dado nascimento à *Fantastique*. Berlioz teve a ideia desse “monodrama lírico” em 1831, reunindo seis obras musicais que havia composto anteriormente, costurando-as de maneira caprichada com os fios de um monólogo dito “por um ator inteligente” (e não um músico!), que haveria de representar o autor em cena. Ao ser encenado depois da *Symphonie, Lélio* ganharia uma outra estatura — combinação de teatro de prosa e de música, quase sempre cantada —, ao mesmo tempo em que lançaria sobre a obra orquestral ouvida anteriormente toda uma nova série de conotações, de novos focos de luz.

Na *Sinfonia Fantástica* eram apenas os instrumentos e as cores orquestrais que simbolizavam e encenavam metaforicamente as venturas e desventuras do herói (Berlioz, é claro). Nas suas primeiras apresentações, o público tinha em mãos, por recomendação do compositor, um “Programa” ou “Guia de escuta”, que o auxiliaria a compreender os eventos relatados na *Sinfonia* por meios exclusivamente instrumentais. Se, depois de algum tempo, o programa pôde ser abandonado à audição da *Fantástica*, ele voltou a se tornar inteiramente necessário quando a *Sinfonia* passou a ser acompanhada de *Lélio*.

Ainda que fosse contemporâneo da *Fantástica*, *Lélio* era uma obra de natureza bastante diversa. Aí, o próprio compositor aparecia teatralmente em cena, para narrar a sua sorte, como que em carne e osso. “Ilustrando” sua narrativa — tão real quanto ficcional, na medida em que em seu monólogo ele empregou até mesmo trechos de sua correspondência particular —, ele aí é bem o demiurgo do universo romântico, capaz de criar não apenas objetos artísticos quanto extrair deles a própria biografia. Foi assim que Berlioz concretizou uma das primeiras e maiores utopias românticas — a de reunir vida e obra em uma simbiose inequívoca. Ao desejar reunir em um mesmo espetáculo a *Symphonie Fantastique* e *Lélio*, o compositor criou uma forma mista, um novo gênero que não teria posteridade, ao menos na época em que o artista viveu. Seguem-se os principais trechos dessa obra que exige o espaço cênico teatral para a sua apresentação:

No monólogo, Lélio-Berlioz fala, primeiro, da sua visão da mulher amada, deformada em seu pesadelo. Logo em seguida, lembra-se do amigo Horácio, que canta sua balada de outrora, O Pescador, na qual o eu-poético deixa-se levar pela ninfa para o fundo das águas.

Le pêcheur (O Pescador) Uma canção estrófica para tenor e piano, com versos baseados em Goethe musicados por Berlioz. O piano ondula de maneira aquática. E, às tantas, aflora a “ideia fixa” simbolizadora da Amada na *Sinfonia Fantástica*.

Encerrada a canção, Lélio-Berlioz faz uma longa digressão onde tematiza, entre outros assuntos, a persistência da memória, as dúvidas de Hamlet e o enorme poder da arte de



cpfl cultura. marque um encontro com as grandes ideias do mundo contemporâneo.

Refletir sobre os desafios atuais, expandir as fronteiras do pensamento. Diferentes pontos de vista, em diferentes pontos de encontro.

Conheça nossas programações e acesse nossos conteúdos no site www.cpflcultura.com.br

Apoio Institucional



Patrocínio

cpflcultura

Shakespeare. Inspirado pelos profundos pensamentos do teatrólogo inglês e, após ter criado em sua mente uma peça para orquestra e coro, ele nos deixa ouvir o:

Choeur d'ombres (Coro de Sombras) Nesse coro de beleza mórbida e noturna, as vozes evocam o “barulho eterno dos passos do tempo” e os horrores da morte — “caos negro em que a esperança sucumbe”. Nessa paisagem sepulcral, pontuada pelo ritmo dos tímpanos, essas vozes lançam a pergunta, como que do “além-túmulo”: “quando haversis de findar?”.

Retomando Shakespeare e a sua incompreensão por parte dos “tristes habitantes do templo da rotina”, Lélío-Berlioz se volta contra “esses jovens teóricos de 80 anos, que vivem em meio a um oceano de preconceitos, persuadidos de que o mundo termina às margens de sua ilha”. E, depois de amaldiçoar esses “velhos libertinos”, evoca a sociedade em que vive, a qual lhe dá vontade de se tornar um malfeitor.

Chanson de brigands (Canção dos Malfeitores)

é um retrato alegre e selvagem da vida que o Capitão (um barítono) e seus asseclas levam com as beldades conquistadas, “bebendo nas caveiras de seus amantes”, considerando-se melhor servidos que o papa e o rei. O narrador conta que bem que gostaria de ser um desses fora-da-lei.

Lélío-Berlioz, então, dá prosseguimento ao seu discurso, dizendo que seu espírito salta, do frenesi provocado pela evocação desses bandoleiros, aos mais inebriantes sonhos. E olhando para o futuro, onde encontrará dores e prazeres, afirma: “Estou feliz, e meu anjo sorri, admirando sua obra. Sua alma nobre e pura cintila sob os longos cílios pretos modestamente baixos; uma de suas mãos nas minhas, eu canto, e sua outra mão, errante sobre as cordas da harpa, acompanha languidamente meu hino de felicidade”.

Chant de bonheur (Canto de Felicidade) Hino no qual as cordas enunciam uma passagem calorosa — mais saudosa do que feliz, é preciso convir. Sobre os toques etéreos da harpa, a voz imaginária de Lélío, um tenor, conclama a Amada a vir para os seus braços, para ali “fechar seus belos olhos”.

O músico-poeta volta a falar do amor. Diz querer encontrar a Amada “em uma noite de outono, acalentado por ela e pelo vento do norte”, e “dormir enfim em seus braços um melancólico e derradeiro sono”. Um amigo, testemunha dos dias afortunados do par, abrirá para ambos uma tumba aos pés de um carvalho, dependurando em um galho da árvore a harpa órfã, emocionando-se e pensando no Tempo,

no Espaço, no Amor, no Esquecimento. E ele ouve, com um ar profundamente melancólico, o trecho seguinte:

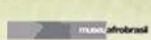
La harpe éolienne — Souvenirs (A Harpa Eólica — Lembranças) A orquestra, sozinha, deixa aflorar alguns temas, como o do Canto de Felicidade, em uma trama a um só tempo saudosista e filigranada. O tratamento orquestral, de tão sutil e cuidado, parece camerístico nesse ponto.

Dirigindo-se aos instrumentistas e cantores, Lélío-Berlioz lembra que é fundamental, para a execução da sua Fantasia sobre “A Tempestade” de Shakespeare, uma atenção absoluta nos gestos do regente. Depois de outras considerações de ordem técnica, ouve-se então a:

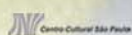
Fantaisie sur “La Tempête” de Shakespeare (Fantasia sobre “A Tempestade” de Shakespeare) Nessa peça coral-orquestral, que é o trecho mais longo da obra, tem-se a culminância do espetáculo, que se encerra como um rebrilhante drama sonoro que conclama múltiplas emoções contrastantes para o seu feérico fecho.

Comentários por J. Jota de Moraes

**Uma iniciativa que estimula o
desenvolvimento da cultura
merece comemoração.**



MIS



MariAntonia

MVC



**MUSEU
DA CASA
BRASILEIRA**

mam



PRÓ-MUSEU. 10 ANOS DE APOIO À CULTURA

O programa Pró-Museu é uma ação de incentivo à cultura do jornal O Estado de S.Paulo que cede espaço publicitário nas páginas do Caderno 2, para divulgação das atividades culturais dos museus de arte da cidade de São Paulo.

ESTADÃO
O JORNAL DE QUEM PENSAMOS



MAKSOUND PLAZA

*Hospitalidade,
elegância
e serviço impecável*



*Apartamentos e suítes
Centro gastronômico 24 horas
Banquetes e eventos*



MAKSOUND PLAZA
SÃO PAULO - BRASIL

Informações e reservas
Toll free Brasil - 0800.0.13.44.11
www.maksoud.com.br

Alameda Campinas, 150 • Bela Vista • CEP 01404-900 • São Paulo • SP • Brasil
Tel (55 11) 3145 8000 • Fax (55 11) 3145 8001 • maksoud@maksoud.com.br

Não Perca o Espetáculo

Emoções que o Tempo não Apaga - Uma Crônica Musical

Sempre às Sextas às 21h. No Teatro Maksoud Plaza. Vendas pelo Telefone (11) 3188 4147.

2009 SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Sala São Paulo

ORCHESTRE DES CHAMPS-ÉLYSÉES
PHILIPPE HERREWEGHE REGÊNCIA

27 e 28 de abril

ORCHESTRE DE LA SUISSE ROMANDE
MAREK JANOWSKI REGÊNCIA
JEAN-YVES THIBAUDET PIANO

4 e 5 de maio

CONCERTO KÖLN
VIVICA GENAUX MEZZOSOPRANO

26 e 27 de maio

HILARY HAHN VIOLINO
VALENTINA LISITSA PIANO

16 e 17 de junho

EMERSON STRING QUARTET

3 e 4 de julho

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE ISRAEL
ZUBIN MEHTA REGÊNCIA

10 e 11 de agosto

CAMERATA SALZBURG
LEONIDAS KAVAKOS VIOLINO

29 e 30 de agosto

NATHALIE STUTZMANN CONTRALTO
INGER SÖDERGREN PIANO

21 e 22 de setembro

ARCADI VOLODOS PIANO

20 e 21 de outubro

ORQUESTRA DA WIENER AKADEMIE
MARTIN HASELBÖCK REGÊNCIA
CHORUS SINE NOMINE

27 e 28 de outubro

Datas e programação sujeitas a alterações.

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

Diretor Presidente

José E. Mindlin

Vice-Presidente

Cláudio Sonder

Diretor Tesoureiro

Antonio Hermann D. M. de Azevedo

Diretor Secretário

Pedro Herz

Diretora Artística

Gioconda Bordon

Diretores

Eduardo Luiz Paulo R. de Almeida

Fernando Carramaschi

Fernando Xavier Ferreira

Gérard Loeb

Jayne Sverner

Ricardo Luiz Becker

Roberto Crissiuma Mesquita

Superintendente

Gérald Perret

Conselho

José E. Mindlin Presidente

João Lara Mesquita Vice-Presidente

Milú Villela

Afonso Celso Pastore

Antonio Ermírio de Moraes

Carlos J. Rauscher

César Tácito Lopes Costa

Fernando Xavier Ferreira

Francisco Mesquita Neto

Henri-Philippe Reichstul

Henrique Meirelles

José Luís de Freitas Valle

José M. Martinez Zaragoza

Mário Arthur Adler

Plínio José Marafon

Salim Taufic Schahin

Thomas Michael Lanz

Conselho Consultivo

Sylvia Kowarick

Alfredo N. Rizkallah

Hermann Wever

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Governador do Estado de São Paulo

José Serra

Secretário de Estado da Cultura

João Sayad

Secretário-adjunto

Ronaldo Bianchi

Chefe de Gabinete

Sergio Tiezzi

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP

Regente Principal

Yan Pascal Tortelier

FUNDAÇÃO ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – Organização Social da Cultura

Presidente do Conselho de Administração

Fernando Henrique Cardoso

Vice-Presidente do Conselho de Administração

Pedro Moreira Salles

Diretor Executivo

Marcelo Lopes

Superintendente

Fausto Augusto Maruccci Arruda

Diretor de Marketing

Carlos Harasawa

Supervisora de Publicidade

Marcele Lucon Ghelardi

Supervisora de Eventos

Mauren Stieven

Coordenadora de Comunicação Institucional

Eneida Monaco

Assessoria de Imprensa

Alexandre Félix

Desirée Furoni

Supervisora de Sites

Fabiana Ghantous

Supervisora de Publicações

Fernanda Salvetti Mosaner

Coordenador de Produção

Marcelo dos Santos Silva

Coordenadora de Produção de Eventos

Monica Cassia Ferreira

Produtores

Lucy Carvalho

Mauro Candotti

Assistente de Produção

Viviane Martins Bressan

Auxiliares de Produção

Marildo Lopes de Sousa Jr

Maylime Dias Abreu

Regiane Sampaio Bezerra

Vinicius Goy de Aro

Técnicos de Apoio a Eventos

Arnaldo Epifânio da Silva

Athaíde Fontes

Supervisor de Acústica

Cassio Mendes Antas

Técnico de Acústica

Reinaldo Marques de Oliveira

Coordenador Técnico

Marcello Anjinho

Assistente do Departamento Técnico

Nil Campos

Supervisores de Montagem

João André Blásio

Paulo Broda

Controlador de Acesso – encarregado

Sandro Marcello Sampaio de Miranda

Indicador – encarregado

Samuel Calebe Alves

Comunicação também é unir pessoas sem dizer uma palavra.

Telefônica. Patrocinadora dos Concertos da Sociedade de Cultura Artística.

Telefônica

Desfrute o progresso

www.telefonica.com.br

Saint-Gobain

No seu habitat, no seu dia-a-dia,
com produtos que preservam o meio ambiente
e economizam energia.

Saint-Gobain é um Grupo líder na fabricação e distribuição de materiais de construção e outros produtos para o habitat. Fundado em 1665, na França, para fabricar os espelhos para o Palácio de Versalhes, está presente em 59 países com ampla gama de produtos de alta tecnologia, que preservam o meio ambiente e economizam energia. No Brasil, a tecnologia e a qualidade de seus produtos e serviços melhoram o dia-a-dia de milhões de pessoas desde 1937.

Vidros

- Vidro plano para construção e eletrodomésticos
- Vidro automotivo

Embalagens

- Garrafas
- Produtos de mesa

Produtos para Construção

- Canalizações em ferro fundido
- Telhas e caixas d'água
- Argamassas industriais
- Lã de vidro para isolamento
- Areias industriais
- Gesso (drywall)

Materiais de Alta Performance

- Refratários
- Cerâmicas Técnicas
- Tecidos de PTFE
- Carbetos de Silício
- Abrasivos e Superabrasivos

Distribuição de Materiais de Construção

Conheça mais em
www.saint-gobain.com.br

DELEGAÇÃO GERAL BRASIL E ARGENTINA

Av. Santa Marina, 482 - 4º andar
05039-903 - São Paulo - SP - Brasil
Tel.: 11 2246-7600 - Fax: 3611-1598



**SAINT-GOBAIN**